



Temas teológico-pastorais para a iniciação cristã suscitados pela análise catequética de Lc 24,13-35

Theological and Pastoral Themes for Christian
Initiation derived from a Catechetical Analysis
of Luke 24:13-35

*Antonio Eduardo Pereira Pontes Oliveira**

PUC-PR

Recebido em: 06/05/2026. Aceito em: 12/06/2026.

Resumo: O artigo desenvolve uma análise teológico-pastoral da perícope lucana do encontro de Jesus Ressuscitado com os discípulos a caminho de Emaús (Lc 24, 13-35), tomando-a como paradigma hermenêutico para processos contemporâneos de iniciação à vida cristã inspirados no catecumenato antigo. A partir da análise narrativa do texto bíblico, o estudo investiga os principais temas catequéticos e pastorais emergentes da dinâmica narrativa do encontro entre Jesus ressuscitado e os discípulos peregrinos. Entre os eixos temáticos identificados destacam-se a iniciativa de Cristo, a escuta das experiências humanas, a pedagogia da liberdade, a hospitalidade, a centralidade da fração do pão, a transformação interior, a esperança cristã, a formação do discipulado missionário e a pedagogia da ausência do Ressuscitado. Além disso, a narrativa é apresentada como um itinerário progressivo de transformação da consciên-

* Doutorando em Teologia Bíblica na PUC/PR (elevação de nível de mestrado para doutorado direto na banca de qualificação da dissertação). Possui especialização em Liturgia (2022), em Arquitetura e Arte Sacra do Espaço Litúrgico (2024) e em O Pensamento de Joseph Ratzinger (2025) pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM), Curitiba, PR. Possui graduação em Filosofia (eclesiástica/curso livre) pelo Instituto Sapientia de Filosofia (2014) e graduação (bacharelado) em Teologia pela Faculdade Missioneira do Paraná (2018). É professor das disciplinas de Escatologia, Evangelhos Sinóticos, Escritos Joaninos e de Hebreus e Cartas Católicas do Instituto de Filosofia e Teologia São João Paulo II, IFITEO, Cascavel, PR. É professor dos cursos de pós-graduação de Música Sacra Litúrgica, de Liturgia e da Escola de Formadores da Faculdade São Basílio Magno, FASBAM, Curitiba, PR e da pós-graduação em Espiritualidade e Mística da Pontifícia Universidade Católica – PUC/PR.

E-mail: antonioep91039433@gmail.com..





cia dos discípulos, conduzindo-os da incompreensão e da desesperança ao reconhecimento do Ressuscitado e ao retorno missionário à comunidade. A experiência pascal é mediada pela interpretação das Escrituras e pela Eucaristia, configurando um processo mistagógico de amadurecimento da fé. Em diálogo com a teologia pastoral contemporânea e com o magistério recente da Igreja, especialmente o Documento de Aparecida, Evangelii Gaudium e Desiderio Desideravi, o estudo evidencia a atualidade pastoral da perícopa lucana para a renovação missionária-evangelizadora da Igreja e para a estruturação de itinerários catequéticos centrados na experiência do encontro com Cristo.

Palavras-chave: *iniciação cristã; discípulo-missionário; Emaús; mistagogia; catecumenato.*

Abstract: *The article develops a theological-pastoral analysis of the Lucan pericope concerning the encounter between the Risen Jesus and the disciples on the road to Emmaus (Lk 24:13-35), interpreting it as a hermeneutical paradigm for contemporary processes of Christian initiation inspired by the ancient catechumenate. Through a narrative analysis of the biblical text, the study investigates the principal catechetical and pastoral themes emerging from the narrative dynamics of the encounter between the Risen Christ and the pilgrim disciples. Among the thematic axes identified are Christ's initiative, the listening to human experience, the pedagogy of freedom, hospitality, the centrality of the breaking of the bread, interior transformation, Christian hope, the formation of missionary discipleship, and the pedagogy of the absence of the Risen One. Furthermore, the narrative is presented as a progressive itinerary of transformation in the disciples' consciousness, leading them from incomprehension and despair to the recognition of the Risen Lord and to their missionary return to the community. The paschal experience is mediated through the interpretation of the Scriptures and the Eucharist, thereby constituting a mistagogical process of maturation in faith. In dialogue with contemporary pastoral theology and with the recent magisterium of the Church — especially the Documento de Aparecida, Evangelii Gaudium, and Desiderio Desideravi — the study highlights the pastoral relevance of the Lucan pericope for the missionary-evangelizing renewal of the Church and for the development of catechetical itineraries centered on the experience of encountering Christ.*

Keywords: *christian initiation; missionary disciple; Emmaus; mystagogy; catechumenate.*

Introdução

A narrativa de Lc 24,13-35 pode ser lida como um percurso de iniciação e de amadurecimento na fé realizado no encontro com Jesus ressuscitado, pela Palavra e pela eucaristia, que conduz à missão. Trata-se de uma perícopa profundamente marcada por dinamismos catequéticos, mistagógicos e pastorais, nos quais os discípulos passam gradualmente da tristeza e da incompreensão ao reconhecimento do Ressuscitado e ao



retorno missionário à comunidade de Jerusalém. A experiência dos discípulos peregrinos manifesta um verdadeiro itinerário pascal de transformação interior, no qual a escuta das Escrituras, a experiência comunitária e a fração do pão ocupam lugar central. Esta intenção catequética do texto já ficou demonstrada em outras análises da perícopa (Nascimento Júnior, 2010, p. 24), especialmente na sua relação com processos de iniciação cristã inspirados no catecumenato antigo.

A narrativa lucana, ademais, apresenta notável atualidade pastoral, sobretudo diante dos desafios contemporâneos da evangelização e da transmissão da fé. Em um contexto marcado pela fragmentação da experiência religiosa, pela crise do sentido comunitário e pelas dificuldades no discipulado cristão, o caminho de Emaús oferece importantes pistas para uma renovação missionária da ação evangelizadora da Igreja. O Ressuscitado aproxima-se dos discípulos, escuta suas dores, interpreta suas experiências à luz das Escrituras e os conduz novamente à comunhão e à missão, revelando uma pedagogia divina baseada no encontro, na escuta e na liberdade.

Assim, nesta pesquisa, explorar-se-ão variados temas teológico-pastorais suscitados pela análise catequética da narrativa: (1) a iniciativa de Jesus; (2) vencer a cultura do silêncio; (3) a pedagogia da liberdade; (4) a hospitalidade e a partilha de mesa; (5) a centralidade da eucaristia na comunidade cristã; (6) a conversão como fruto de uma transformação espiritual; (7) a passagem da tristeza à esperança; (8) o amadurecimento para caminhar por si próprios; (9) a fé cristã como experiência antes de mera doutrina; (10) a importância da cruz no anúncio cristão; e (11) a necessidade de manter a ausência de Jesus e aprender a ser ausente, confiando na ação do Espírito e no protagonismo da comunidade cristã.

1 A iniciativa de Jesus: “primeirar”

No início da narrativa, os discípulos caminhavam e conversavam sobre todos os acontecimentos anteriores (v. 14), então Jesus se aproximou deles (v. 15). A iniciativa de aproximação é de Jesus. Ele não interrompe o assunto dos discípulos. Primeiro se aproxima e se põe a caminhar com eles. Esta atitude é a de quem se dispõe a conhecer e a sentir a vida do outro, as suas necessidades, a sua realidade: Jesus se põe a caminhar junto com os discípulos. “O encontro e o caminho percorrido em conjunto assumem-se como oportunidade e momento do



diálogo, onde, em discurso directo, se alternam perguntas e respostas” (Correia, 2014, p. 151).

Este é um primeiro tema pastoral que nasce da perícope. Nas palavras do papa Francisco, “primeirar”:

A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! (EG, n. 24).

Trata-se de ir ao encontro do outro, de se interessar por ele, de acolhê-lo, de escutá-lo e de partilhar a vida com ele, inspiração essencial para o introdutor no processo de iniciação à vida cristã (Reinert, 2015, p. 74). Este foi o caminho escolhido por Jesus para chegar ao coração dos discípulos, este deve ser o caminho da Igreja para alcançar o coração das pessoas. Esta atitude constitui uma conversão pastoral no modo de agir eclesial, que supera a imposição doutrinal e que parte do encontro com o outro como caminho evangelizador. Seguindo as pegadas de Jesus, é preciso uma verdadeira renovação missionária no agir da Igreja, que vai ao encontro, sem medo das realidades que encontrará, mas que se põe a caminho. Nas palavras do papa Leão XIV (2025): “Não se trata nunca de capturar os outros com a prepotência, com a propaganda religiosa ou com os meios do poder, mas trata-se sempre e apenas de amar como fez Jesus”.

Na narrativa de Emaús, Jesus inicia um diálogo com os discípulos a partir daquilo que estavam discutindo e sentindo (v. 17). É a partir da realidade dos peregrinos que Jesus inicia sua caminhada com eles. “Pois, dispor-se para a acolhida é um dos meios privilegiados para chegar ao coração das pessoas. Jesus entra pelas portas das preocupações que ocupavam o coração dos discípulos [...]” (Nascimento Júnior, 2010, p. 30).

Nenhum conteúdo doutrinal terá ressonância se não passar pelo crivo das preocupações e dos sentimentos dos interlocutores da Igreja. Caso contrário, responder-se-á a perguntas que ninguém fez. Afinal



A captação da realidade é individual, subjetiva, cada ser humano tem a sua, cada cultura, cada comunidade tem uma própria. Jesus quis entender como aquelas pessoas enxergavam a vida, quis saber de seus medos, tristezas, aflições para poder entrar em sintonia com sua visão de mundo. Jesus quis ajudá-los a abrir os olhos para enxergar algo que vem de dentro: a fé (Paiva; Torres; Nogueira, 2021, p. 31).

A comunidade eclesial e os responsáveis pela iniciação cristã devem, antes de tudo, buscar conhecer a realidade pessoal, familiar, social, cultural e religiosa de seus interlocutores para, à luz deste contexto, tê-los como interlocutores. A ação evangelizadora precisa considerar todos estes aspectos.

Esta realidade, entretanto, não está fechada e acabada. Jesus continua dialogando com os discípulos lhes apresentando um novo olhar sobre aqueles acontecimentos a partir da Palavra de Deus (vv. 25-27)¹. O caminho da vida não está pronto, ele vai se refazendo e remodelando à medida que novas questões são propostas e novos horizontes são apresentados, sobretudo pela luz sempre nova das Escrituras: “o ser humano está a caminho e necessita ser valorizado a partir de sua realidade, numa entre-ajuda em que todos ensinam e aprendem” (Doc. CNBB 87, n. 23). Para tudo isso, uma nova atitude pastoral é suscitada: a docilidade e abertura de coração.

2 Vencer a cultura do silêncio

Os discípulos caminhavam entristecidos rumo a Emaús, comentavam entre si tudo o que havia acontecido. Dominava-os a derrota da cruz e da morte. As suas expectativas messiânicas e salvíficas estavam superadas. Partilhavam sua dor, “[...] para aliviar a dor, pois a psicologia aponta a conversa (demorada e enquanto se caminha) como uma das terapias para amenizar o sofrimento, que se torna menor ou até se dilui quando compartilhado” (Correia, 2014, p. 148). Deram-se por vencidos, preferiram voltar à vida normal, já que suas expectativas não tinham se realizado.

Os discípulos estavam imersos na cultura do silêncio, uma condição em que os oprimidos não falam, ficam calados, só expõem o que lhes

¹ Segundo Russo (2005, p. 24), “à luz dos dados neotestamentários, podemos indicar que a iniciação cristã é estruturada concretamente por meio da articulação recíproca de três elementos: a Palavra anunciada, escutada e acolhida; a conversão de vida segundo os ensinamentos de Jesus; e a celebração do evento de Cristo crucificado e ressuscitado”.



foi permitido dizer. As pessoas não falam o que sabem que o outro não quer ouvir. Por medo, os discípulos desacreditaram da história que haviam vivenciado. Eles silenciaram-se, dando voz aos opressores da classe sacerdotal e aos romanos. Mal sabiam o que estava por vir, que a vitória estava na cruz e que Jesus não os decepcionaria (Paiva; Torres; Nogueira, 2021, p. 30).

Jesus rompe com a cultura do silêncio, permitindo que os discípulos falem, exponham sua decepção. Poder falar já é o início da libertação da dor, da tristeza e da angústia: “Escutar o outro quando ele deseja ser escutado é uma exigência ética, um acto de cortesia; mais ainda, é um acto de hospitalidade” (Torrallba, 2010, p. 32). Aqui se apresenta mais uma pista pastoral que nasce da experiência de Jesus com os discípulos a caminho de Emaús: a necessidade de espaços de escuta onde se rompem os silêncios do medo e da decepção. Afirma o papa Francisco:

Precisamos nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores. Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se podem encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida (EG, n. 171).

Esta é uma outra ressonância pastoral que brota da narrativa: a necessidade de espaços de partilha e a disposição dos discípulos-missionários de Jesus à escuta atenta das dores, das angústias e dos sofrimentos dos outros. Afinal, esta escuta tem, em si mesma, a capacidade de alimentar a esperança. Na expressão do papa Francisco: “Em todo o caso, lá somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros. Às vezes o cântaro transforma-se numa pesada cruz, mas foi precisamente na Cruz que o Senhor, trespassado, Se nos entregou como fonte de água viva. Não deixemos que nos roubem a esperança!” (EG, n. 86).

3 A pedagogia da liberdade

Quando os discípulos se aproximam do povoado, Jesus aparenta ir em frente. “A pedagogia de Jesus é a pedagogia da liberdade, não da imposição. Agora, a decisão é dos dois. Ou deixam Jesus partir ou



tomam a decisão de pedir a Ele que fique” (Paiva; Torres; Nogueira, 2021, p. 33-34).

Ninguém pode ser cristão, ninguém pode se tornar discípulo de Jesus por obrigação. O seguimento a Jesus é feito na liberdade, na escolha, no uso deste importante dom concedido por Deus: o de ser livre. Nas palavras de Leão XIV (2025): “Queremos dizer ao mundo, com humildade e alegria: Olhai para Cristo! Aproximai-vos d’Ele! Acolhei a sua Palavra que ilumina e consola! Escutai a sua proposta de amor para vos tornardes a sua única família”.

No processo de iniciação cristã haverá aqueles que se decidirão por não seguir em frente, como também nas diferentes atividades pastorais e evangelizadoras. É preciso saber respeitar as escolhas de cada um e lembrar-se sempre que o evangelho é proposta: “o encontro com o Messias, no mundo contemporâneo, é possível. Mas precisa ser proposto de maneira a cativar mais as pessoas, para que se possa fazer a experiência impactante da verdadeira adesão a Jesus” (Doc. CNBB 107, n. 54).

4 A hospitalidade e a partilha de mesa

Os discípulos insistem que Jesus permaneça com eles (v. 29). Trata-se da prática cultural e religiosa da hospitalidade. Partilham, então, a casa e a refeição. Esta atitude se tornará identitária dos cristãos, tantas vezes testemunhada pelas primeiras comunidades cristãs. Com Correia (2014, p. 292-293), pode-se afirmar que

a hospitalidade é proposta como categoria fundamental para a construção da identidade cristã, alicerçada em Jesus Cristo Ressuscitado, e para o crescimento e expansão da Igreja, por obra de uma atividade missionária que fez da hospitalidade a todos oferecida e por alguns recebida a imagem de marca do cristianismo nascente e a melhor forma de testemunhar a universalidade da sua mensagem

É preciso, pastoralmente, proporcionar e valorizar as práticas e as iniciativas de comunhão e de partilha. Vencendo a cultura do individualismo e da indiferença². Além disso, conscientizar e promover atitudes comunitárias concretas de hospitalidade.

² Explica o papa Francisco: “Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer



5 A centralidade da eucaristia na comunidade cristã

Toda a narrativa de Emaús recebe significado e muda de rumo na fração do pão (vv. 30-31). A perícopula culmina na mesa da eucaristia. Isso ficou patente na leitura narrativa da perícopula, marcando este momento como o cume, o clímax, a ação transformadora da narrativa. Deve-se observar, portanto, que o ápice da narrativa não está no anúncio missionário da ressurreição de Jesus, mas na fração do pão que gera o reconhecimento e o testemunho.

Do mesmo modo, toda a ação pastoral precisa brotar e culminar na celebração eucarística. O anúncio cristão só será verdadeiro se levar à mesa da eucaristia e a autenticidade da celebração se manifestará pelo compromisso missionário da comunidade. Conforme o papa Francisco:

O mundo não o sabe ainda, mas todos “são convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro” (Ap 19, 9). Para ter acesso a Ele só precisa da veste nupcial da fé que vem da escuta da sua Palavra (cf. Rm 10, 17): a Igreja prepara-a à medida com a alvura de um tecido “lavado no Sangue do Cordeiro” (cf. Ap 7, 14). Não deveríamos ter um instante sequer de repouso, sabendo que nem todos ainda receberam o convite para a Ceia ou que outros o esqueceram ou perderam nas sendas tortuosas da vida dos homens. Por isso disse que “sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto-preservação” (Evangelii gaudium, n. 27): para que todos se possam sentar à Ceia do sacrifício do Cordeiro e d’Ele viver (DD, n. 5).

Aliás, Francisco também acenou para a centralidade da celebração eucarística na vida da Igreja: “A pastoral de conjunto, orgânica, integrada, mais do que ser o resultado de programas elaborados é a consequência do colocar no centro da vida da comunidade a celebração eucarística dominical, fundamento da comunhão” (DD, n. 37). Como na experiência dos discípulos de Emaús, é a centralidade da eucaristia que faz a vida de uma comunidade cristã.

ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe. A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma” (EG, n. 54)



6 Conversão que só é possível pela transformação espiritual

Gradualmente, Jesus vai transformando o coração dos discípulos entristecidos e desiludidos e lhes devolve a esperança. Primeiro, o coração arde e os olhos se abrem, então os discípulos tomam uma atitude, a de retornar a Jerusalém: “esta mudança foi provocada e operada pelo próprio Jesus que fez caminho com eles, lhes devolveu a esperança e lhes possibilitou um rosto diferente, pintando o caminho de novas cores e contornos” (Correia, 2014, p. 147).

Isto demonstra o processo de conversão que passa, primeiro, pela experiência espiritual. Só depois se torna mudança de atitude, de vida. Caso contrário, a transformação será meramente exterior e não partirá da interioridade, exigência da caminhada de iniciação cristã (Nery, 2001, p. 50). Aqui está um aspecto importante da missão da Igreja suscitado pela narrativa de Emaús: alcançar o coração das pessoas, tocar na sua dimensão mais profunda, gerar vida, conversão e salvação a partir da interioridade, das opções de vida, dos sentimentos, do sacrário da consciência humana. Afinal,

O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado. A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser. Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo. Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. Quanto mais, portanto, prevalecer a reta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos estarão longe da arbitrariedade cega e procurarão conformar-se com as normas objetivas da moralidade. Não raro, porém, acontece que a consciência erra, por ignorância invencível, sem por isso perder a própria dignidade. Outro tanto não se pode dizer quando o homem se descuida de procurar a verdade e o bem e quando a consciência se vai progressivamente cegando, com o hábito do pecado (GS, 16).

Portanto, a missão fundamental da Igreja, como Jesus no diálogo com os discípulos peregrinos, é tocar a consciência dos homens, com respeito e reverência, mas iluminá-la e formá-la com a alegria boa notí-



cia do Evangelho. Sem isso, a pregação cristã se torna mera aparência e adesão extrínseca a um conteúdo dogmático-doutrinal.

7 Da tristeza à esperança

A realidade dos discípulos peregrinos é marcada pela desilusão, pela tristeza e pela desesperança. Quando Jesus se aproxima deles, encontra-os nesta situação. As expectativas criadas estão frustradas. Jesus peregrino, com a luz da Palavra de Deus, vai iluminando as trevas sombrias da desesperança, dando sentido à cruz, ao sofrimento e à morte. “Mostra que eles não conhecem a palavra de Deus que abre horizontes inesperados ao homem grudado nas suas pequenas certezas” (Nascimento Júnior, 2010, p. 32). Então, o coração dos discípulos arde (v. 32).

A mensagem cristã é boa notícia de salvação. O anúncio cristão revigora e impulsiona na esperança. Escreveu Bento XVI falando do testemunho cristão das testemunhas do Ressuscitado: “[...] da esperança destas pessoas tocadas por Cristo brotou esperança para outros que viviam na escuridão e sem esperança” (SS, n. 8). Não pode existir anúncio da fé cristã triste e desesperançoso. Nas palavras do papa Francisco: “Há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa. [...] sempre permanece pelo menos um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados” (EG, n. 8). A alegria deve caracterizar a evangelização: “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG, n. 1). A boa nova do evangelho enche de alegria e impulsiona, com ardor, ao testemunho da ressurreição. Na expressão do Diretório para a Catequese, trata-se de um modelo de catequese que “[...] manifesta a ação do Espírito Santo, que comunica o amor salvífico de Deus em Jesus Cristo e que continua a se doar pela plenitude da vida de cada pessoa” (DC, n. 2).

8 Caminhar por si próprios

Depois da fração do pão, os olhos dos discípulos se abriram e eles o reconheceram (v. 31). Então, Jesus desaparece (v. 31). Poder-se-ia esperar uma instrução precisa e clara de Jesus aos seus discípulos do que deveriam fazer e dizer aos demais discípulos. Entretanto, ele simples-



mente se torna invisível. Esta atitude pode ser compreendida como um gesto de confiança de Jesus nos seus discípulos que saberão o que fazer: “Também quando Jesus sobe aos céus, uma nuvem o ocultou aos olhos dos discípulos (At 1,9), de modo que não mais podiam vê-lo. Assim também há de ser para a Igreja: o Senhor há de estar sempre presente entre os seus discípulos, mas de modo oculto” (Miranda, 2023, p. 198).

Na vida pastoral e evangelizadora, é fundamental seguir as pegadas de Jesus formando lideranças, capacitando-as e acreditando nas suas capacidades, mesmo com seus medos, inseguranças e fragilidades. A pedagogia de Jesus ensina a confiar nas pessoas e, depois de ensiná-las, deixá-las conduzir a missão por conta. Afinal, “a nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados” (EG, n. 120).

9 Mais do que doutrina, uma experiência

Os discípulos viajam apressadamente de Emaús a Jerusalém para testemunharem aos demais aquilo que viram e ouviram. O anúncio dos discípulos é carregado da experiência que fizeram com Jesus ressuscitado. Não é apenas uma doutrina que carregam consigo, mas uma experiência pessoal de encontro com Jesus, que propicia “[...] uma genuína comunicação humana, que não é só de ideias, não só de sentimentos, mas sim de pessoa a pessoa – razão, afetividade e vontade – de Eu e Tu, integrando o Nós numa perspectiva interpessoal” (Arroyo, 2002, p. 146). A evangelização passa, necessariamente, pela experiência e pelo testemunho daquilo que se experimentou. Afinal, “conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAp, n. 29).

10 A importância da cruz no anúncio cristão

A decepção dos discípulos decorre da incompreensão a respeito do mistério da Paixão e da cruz do Messias (vv. 20-21). A catequese de Jesus a partir da Palavra de Deus ilumina este mistério e os faz compreender os desígnios salvíficos de Deus. Do mesmo modo, não poderá faltar ao anúncio cristão o escândalo da cruz. A tentação dos discípulos de ontem e de hoje é a de querer um seguimento a Jesus sem a cruz. Segundo Ratzinger (2007, p. 256):



E nós sabemos como, ao longo dos séculos, e também hoje, os cristãos – na plena posse da correta confissão da fé – precisam ser ensinados sempre pelo Senhor que o seu caminho ao longo de todas as gerações não é o caminho do poder terreno nem da glória, mas o caminho da cruz. Sabemos e vemos nós mesmos também hoje como os antigos cristãos; chamamos o Senhor à parte para Lhe dizer: “Isso não pode Deus permiti-lo, Senhor! Isso não pode acontecer” (Mt 16,22). E porque duvidamos, se Deus o impede, tentamos nós mesmos fazê-lo com as nossas artimanhas. E por isso deve também o Senhor sempre dizer-nos: Para trás, Satanás! (Mc 8,33). Toda a cena conserva assim uma terrível atualidade. De fato, ao fim e ao cabo, pensamos sempre a partir da “carne e do sangue”, e não a partir da revelação, que devemos acolher na fé.

Não poderá, por conseguinte, faltar a referência direta e sempre constante à cruz do Senhor como critério fundamental do seguimento a Ele. Mas a cruz, lida na perspectiva de Emaús, como caminho necessário para chegar à glória da ressurreição (Sousa Neto, 2021, p. 37).

11 Manter a ausência de Jesus e aprender a ser ausente

Depois do reconhecimento na fração do pão, Jesus se torna invisível diante dos discípulos. Por mais que, no evangelho lucano, Jesus aparecerá novamente à comunidade reunida (Lc 24,36), com sua ascensão, começa o tempo da sua ausência. Não é mais possível dispor da sua presença física, é preciso exercitar a fé na sua presença espiritual e real no caminho da vida. Para estar em comunhão com Ele é preciso procurá-lo assiduamente nos sinais da Palavra e do pão. Aí está o centro da espiritualidade de uma comunidade cristã. Além disso, é preciso aprender com Jesus a dinâmica da liberdade e da ausência:

A dimensão da ausência do Senhor se suporta com uma busca mais intensa, com um desejo mais profundo. [...] Assim como Jesus, é preciso ter coragem para desaparecer. Como discípulos missionários, precisamos seguir em frente levando sua mensagem e precisamos ter também a coragem de entregar o processo nas mãos da comunidade, nas mãos do povo. O Espírito sopra onde quer. Não é necessário que nós estejamos sempre aí para garantir que tudo corra bem, que tudo dê certo (Paiva; Torres; Nogueira, 2021, p. 37).

Ao se tornar invisível, Jesus inaugura a missão da sua comunidade, que deve ter olhos para reconhecê-lo presente em seu meio e que



deve torná-lo presente pela sua ação e missão, assim “[...] tendo feito a experiência de encontro com o Senhor, participa da alegria da vivência da comunidade cristã e busca anunciar para que outros também tenham acesso a esse caminho” (Quezini, 2024, p. 82). Manter a ausência de Jesus e tornar aprender a se tornar ausente é confiar na ação do Espírito e na graça de Deus.

Conclusão

A análise narrativa da perícopes de Lc 24,13-35 possibilitou mergulhar na riqueza teológica, espiritual e pastoral de uma das mais significativas narrativas pascais do evangelho lucano. A leitura do texto a partir da dinâmica narrativa evidenciou não apenas a profundidade literária da construção lucana, mas também sua extraordinária capacidade de diálogo com os leitores de diferentes tempos e contextos eclesiais. A aproximação entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor” permitiu perceber que a experiência dos discípulos peregrinos continua a espelhar a realidade de muitos cristãos contemporâneos, marcados pela crise de sentido, pela dificuldade de compreender o sofrimento, pela perda da esperança e pela necessidade de reencontrar o Ressuscitado no caminho da vida.

Neste horizonte, a perícopes se revela particularmente fecunda para a reflexão sobre os processos de iniciação à vida cristã inspirados no catecumenato antigo. A narrativa apresenta uma autêntica pedagogia do encontro, na qual Jesus ressuscitado acompanha pacientemente os discípulos, escuta suas dores, acolhe suas frustrações, ilumina suas experiências à luz das Escrituras e os conduz progressivamente ao reconhecimento de sua presença na fração do pão. O caminho de Emaús manifesta, assim, um verdadeiro itinerário mistagógico, no qual a fé não é transmitida prioritariamente como assimilação conceitual de conteúdos doutrinários, mas como experiência progressiva de encontro, interpretação da vida, conversão interior e inserção comunitária.

A análise permitiu, ainda, identificar na narrativa importantes indícios de metodologia catecumenal. A pedagogia de Jesus evidencia a centralidade da escuta, da liberdade, da gradualidade e da experiência comunitária no amadurecimento da fé. Antes de ensinar, Jesus se aproxima; antes de corrigir, escuta; antes de enviar, caminha junto. Tal dinâmica oferece valiosas pistas para a renovação pastoral da Igreja contemporânea, frequentemente desafiada por práticas evangelizadoras excessivamente doutrinárias, pouco experiencializadas ou desconectadas das realidades



concretas das pessoas. A perícopes demonstra que a evangelização nasce do encontro humano e da capacidade de iluminar a existência à luz da Palavra de Deus.

Além disso, a narrativa evidencia a íntima relação entre Palavra, eucaristia e missão. O reconhecimento do Ressuscitado acontece na fração do pão, depois da interpretação das Escrituras ao longo do caminho. Desse modo, Lucas articula profundamente a experiência da escuta da Palavra com a celebração eucarística, revelando que ambas constituem os lugares privilegiados do encontro com Cristo vivo. A partir desta experiência, os discípulos retornam imediatamente a Jerusalém, tornando-se testemunhas da ressurreição. A missão nasce, portanto, de uma experiência pascal vivida comunitariamente. Não se trata de mera transmissão intelectual de doutrinas, mas de testemunho de uma experiência transformadora.

A perícopes também revelou significativa atualidade diante dos desafios eclesiais contemporâneos. Em um contexto cultural marcado pelo individualismo, pela indiferença religiosa, pela fragmentação das relações humanas e pela dificuldade de transmissão da fé, o caminho de Emaús oferece uma inspiração pastoral profundamente atual. A narrativa sugere uma Igreja capaz de “primeirar”, de caminhar junto, de escutar, de acolher, de gerar esperança e de conduzir as pessoas a uma experiência viva do Ressuscitado. Neste sentido, a pesquisa dialogou amplamente com o magistério recente da Igreja, especialmente com o Documento de Aparecida, Diretório para a Catequese, *Evangelii Gaudium* e *Desiderio Desideravi*, os quais insistem na necessidade de uma Igreja missionária, mistagógica, querigmática e centrada no encontro com Cristo.

Outro aspecto relevante evidenciado pela pesquisa foi a pedagogia da ausência do Ressuscitado. Depois do reconhecimento na fração do pão, Jesus desaparece diante dos discípulos. Tal gesto não representa abandono, mas amadurecimento da fé. Os discípulos são chamados a caminhar por si próprios, sustentados pela memória da Palavra, pela experiência eucarística e pela presença espiritual do Senhor. Esta dinâmica aponta para uma pastoral que forma discípulos maduros, capazes de protagonismo missionário e de responsabilidade eclesial, superando dependências excessivas de lideranças ou estruturas.

Por fim, pode-se afirmar que a narrativa de Emaús permanece como uma das mais fecundas sínteses bíblico-teológicas da experiência cristã. Nela se entrelaçam escuta, caminho, hospitalidade, Palavra, euca-



ristia, conversão e missão. A análise catequética e narrativa da perícopes demonstrou que o texto lucano conserva grande potencial para inspirar a renovação da iniciação cristã e da ação evangelizadora da Igreja. Trata-se de uma narrativa que continua a interpelar a pastoral contemporânea, convidando-a a reencontrar a centralidade do Ressuscitado, da Palavra de Deus, da experiência comunitária e da formação de discípulos missionários capazes de testemunhar, no mundo atual, a esperança do Evangelho.

Referências

ARROYO, Millán. *Educar-se y Educar Hoy*. Madrid: Editorial CCS, 2002.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi sobre a esperança cristã*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_benxvi_enc_20071130_spe-salvi.html. Acesso em: 26 maio 2025. [SS].

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010*. Brasília: Edições CNBB, 2008. [Documentos da CNBB, 87].

CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: Edições CNBB, 2017. [Documentos da CNBB, 107].

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje (07-12-1965). In: *Compêndio Vaticano II*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 141-256. [GS].

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007. [DAp]

CORREIA, João Alberto Sousa. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014.

FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi: sobre a formação litúrgica do Povo de Deus*. Brasília: Edições CNBB, 2022. [DD].

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: a alegria do evangelho*. São Paulo: Loyola, 2013. [EG]

LEÃO XIV. *Homilia de inauguração do pontificado* (18/05/2025). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leoxiv/pt/homilies/2025/documents/20250518-inizio-pontificato.html>. Acesso em: 26 maio 2025.



MIRANDA, Bruno Guimarães de. *Abriram-se os seus olhos: uma análise de Emaús (Lc 24,13-35) à luz do Éden (Gn 3,7)*. Comentário exegético de Lc 24,13-35. 2023. 257 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

NASCIMENTO JÚNIOR, Delmiro Viera do. Leitura catequética da experiência do caminho de Emaús (Lc 24,13-35). *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo/SP, v. 4, n. 5, p. 24-36, maio 2010.

NERY. *Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta*. São Paulo: Paulus, 2001.

PAIVA, Helber Augusto de; TORRES, Marcela Machado Vianna; NOGUEIRA, Sonia Martins de Almeida. A pedagogia de Jesus no caminho de Emaús. *TeoPraxis*, Rio de Janeiro/RJ, v. 1, n. 1, p. 26-42, jan./jun. 2021.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a catequese*. Tradução: João Vítor Gonzaga Moura. São Paulo: Paulinas, 2020. [DC].

QUEZINI, Renato. *O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos: inspiração de itinerários para o crescimento na fé*. 2024. Dissertação de Mestrado em Teologia Sistemática – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2024.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré – Primeira Parte: do Batismo no Jordão à Transfiguração*. Tradução de José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Planeta, 2007.

REINERT, João Fernandes. *Paróquia e iniciação cristã: a interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal*. São Paulo: Paulus, 2015.

RUSSO, Roberto. A iniciação cristã. In: CELAM. *Manual de Liturgia (III): a celebração do mistério pascal*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15-38.

SOUSA NETO, Manoel Rodrigues de. *Igreja em “saída” e catequese: por uma catequese querigmática e missionária*. 80 f. Monografia (Graduação em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

TORRALBA, Francesc. *A arte de saber escutar*. Lisboa: Ed. Guerra e Paz, 2010.